

QUINTA-FEIRA
Lisboa--22 de Setembro-1927

5 TOSTÕES

2.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

70

sempre

fixe semanário humorístico



Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 48

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OF
TEL. T. 152, 153, 1
RUA DA ROSA, 1

SOHNZUS

N. 2



—Porque estás tu a vestir-te com tanta pressa?
—Oh! filho, é que pode chegar por ahí "inesperadamente," alguma visita ao interior e encontra-me neste estado.



Os ditos da semana



Os teatros estão em crise. Não ha empresa que se aguentate.

Representam-se boas peças, mas o publico não vai lá. O publico prefere o animatografo, porque, como o sr. D. João VI de saudosa memoria, o que quer é saber *se os brutos casaram ou morreram*, e no cinema as coisas correm mais depressa. Tac-tac-tac, e pronto, lá vão os noivos a sair da igreja, ou a receber as benções dentro dum automovel, ou encarrapitados num avião, onde aparece sempre, providencialmente um padre, para que o nó fique bem dado á sombra da lei de Deus.

E isto não vai mal assim.

Fala-se na triste sorte das actrizes desempregadas, mas é preciso não esquecer que o desemprego das mulheres de teatro, é, muitas vezes, um sintoma de que melhoraram de situação, porque as artistas teatraes são de duas categorias: as bonitas e as feias. As bonitas teem sempre um teatro, e quando não teem um teatro, arranjam pelo menos um empresario, e as feias ou teem talento ou não o teem. Se o possuem sempre encontram papel, numa ou noutra peça; se o não possuem, o *Sempre Fixe*, não pôde deixar de regosilar-se, porque não obtenham contracto. Já não é pouco ter de encontral-as na rua.

Mas nisto de teatro ha um segredo a revelar. As empresas não se aguentam porque não são. geralmente, as proprietarias do edificio, e o senhorio, quando arrenda uma casa de espectaculos, faz o negocio mais ou menos nestes termos:

Renda, 30 por cento da receita bruta; quatrocentos lugares diariamente para ele vender os bilhetes e guardar os proventos; cem escudos por aluguer de scenarios; mais cem escudos por o teatro estar bem situado; mais quinze a vinte escudos pelo sobrado que se gasta todos os dias; mais outros quinze a 20 escudos por cada pateada, porque abala os alicerces; mais um escudo por aluguer dum gato que caça os ratos dos camarins; e, no fim disto tudo, mais quinhentos escudos, conta redonda e calada, no a titulo de indemnisação, porque se a casa não estivesse já alugada, podia aparecer outro empresario mais trouxa, que se deixasse espoliar ainda mais. Até aqui só geme a empresa. Mas em materia de imposto de selo, geme o publico e geme o Es-

tado, porque o figurão tendo que dar, por exemplo, cincoenta centavos ao fisco, não se esquece de cobrar quinze tostões ao espectador.



A ideia de construir *arranha-ceus* em Lisboa, não encontra defensores e ainda bem. Numa terra onde a coscovilhice indigena constitue um perigo tremendo para a ordem publica, um predio onde pudessem alojar-se mais de dez senhoras visinhas, seria uma ameaça permanente e continua de conflagração.

Não é difficil imaginar o que seria o Pateo das Osgas em grande, em colossal.

Quatrocentas cabeças asso-mando desgrenhadas a outras tantas janelas, porque o gato do 20.º andar fez chi-chi na escada, poria em estado de sitio um bairro inteiro. A policia seria impotente para sufocar estes movimentos insurreccionais contra o tareco da visinha, e a força publica, mesmo a cavallo, seria incapaz de dominar um tumulto do decimo andar para cima.

Instituir uma policia aerea, apesar dos valorosos azes que possuímos, era uma despeza incomportavel, além de que a sua eficacia seria muito problematica.

Dotar a corporação dos bombeiros de escadas Magirus á altura dos *arranha ceus*, era invadir as atribuições da escada de Jacob.

O sr. Carlos Pereira, que já não consegue elevar a agua a um segundo andar, até se havia de arranhar todo por causa das *arranha ceus* e, de certa altura para cima, quem se quizesse lavar tinha de governar-se com *aguas furtadas*, o que, embora ficasse a caracter, sempre tinha seus perigos policiaes.

Além disso, dado o costume lisboeta de pôr as roupas brancas a enxugar á janela, o estrangeiro que chegasse ao Tejo e olhasse para terra, teria a illusão dum mastro embandeirado e a nós não nos convém embandeirar perante o estrangeiro, para que se possa manter intemeratamente a fama de pelintras de que gosamos.

Depois, se se construísse um *arranha ceus* para amostra, não seria facil impedir que outros fossem surgindo aqui e além, levantando como que uma barreira entre o Tejo e as partes altas da cidade, dificultando as pontarias, nas nossas diversões pirotecnicas e periodicas.

O ceu quer-se livre, e fê-lo Deus para os passarinhos. Não é legitimo coartar-lhes a liberdade, já que eles tambem não pensam em vir fazer-nos o ninho atraz da orelha.

Para amostra de *arranha ceus*, bem bastam aquelas gaiolas do Dafundo, e quem quizer vistas largas que suba até o Castelo ou á Penha de França, onde não ha nada que arranhe, senão se fôr algum gato que salte desenca-

brestado de cima duma tra-peira.

E, se todas estas razões não bastassem, ainda outra havia de mais peso: o apatema do sr. Patriarca que, assim como não quer que se piquem os toiros, tambem não havia de querer que arranhassem o ceu.



Uma rapariga bavara, acometida de paralisia e cegueira, entregou-se a meditações religiosas e, passados alguns anos, recuperou a vista e o movimento dos membros, e, o que é mais extraordinario, vive admiravelmente sem comer, alimentando-se apenas com uma hostia diaria.

Assombro, misterio insondavel, milagre. tudo lhe chamam os jornais alemães.

A rapariga vive do ar, e de não fazer nada.

Chora lagrimas de sangue e aparece coberta de estigmas sangrentos, que no dia seguinte se verifica não terem deixado qualquer vestigio.

Isto, que assombra os sabios da Alemanha, não causa nenhum espanto ao *Sempre Fixe*. No nosso paiz ha milhares de creaturas que vivem nas mesmas condições, talvez em circunstancias mais extraordinarias ainda, porque nem as hostias chegam a tomar—os funcionarios publicos de categoria inferior a primeiro oficial. Como a rapariga bavara, passam uma grande parte da vida em estado de completa cegueira e paralisia, e nos restantes dias de existencia, vivem sem comer, porque a tamanho luxo não chegam os proventos recebidos do Estado.

Choram, como a rapariga bavara, lagrimas de sangue, suam sangue como a iluminada alemã que assombra o mundo e o seu estado de saude é absolutamente satisfatorio até que um dia deixam de absorver o proprio ar que nem sequer está tabelado e é de graça, porque vão repousar em estado de completa paralisia e cegueira, no Alto de S. João e outras vilas igualmente populosas.

A que vem, pois, tamanho assombro da imprensa alemã? Fiquem sabendo os sabios alemães, ignorantes das coisas que se passam fóra do seu paiz, que em Portugal vive-se do ar, sob a protecção do Estado que nem sequer explora o fenomeno para efeitos de turismo.

CANTINHO DA RIBALTA

II

TRABALHOS FEMEAS

*Que confusão me faz, o alto engenho das peças que hoje brilham nos tabladost
Para as fazer, vão trinta consagrados!
E todos, empregando o mór empenho!!*

*Se as letras, são meus sonhos mais dourados,
maior vontade, em cada dia tenho
de as profundar. Mas sempre me detenho
na duvida!.., Em misterios insondados!*

*E, como hei de estudar?... Se todas elas
me parecem iguais, quais irmãs gemcas,
ou se confundem mais do que as estrelas?!*

*Não são originaes? Cruéis blasfemias,
que arrazam como as furias das procelas!..
Se todas são fecundas, como as femeas!*

Apanha Cantinhos.

TUDO CRESCE...

Tudo cresce no tempo em que estamos, som parar é crescer, é crescer. Não ha nada que encolha um momento que não cresça depois de encolher.

Cresce a Lisboa p'las varias arterias, cresce o amor pela gente espanhola, cresce o olhar das sopeiras maganas para o Carmo e Cabeço de Bola.

Cresce a lua no quarto crescente cresce o mar se a folhinha aconselha, e em cabeças de muitos mortais crescem coisas do Arco da Velha...

Crescem unhas e crescem cabelos que se tratam nos meios mundanos, e os barbeiros, calistas, etc. vivem só do que cresce nos humanos.

Só não cresce dinheiro na caixa, muito embora cresça agua na boca, e aos toureiros, com toiros em puntas, só a terra não cresce: ainda é pouca...

Sortes grandest
só o PINA as vende
75 - Rua de S. Paulo - 77

CHIC

Praça dos Restauradores, 20

Telefone N. 3361

Magnificos almoços à Francaza

JANTARES E CEIAS

Optima canja—Bife á Chic

(especialidade)

Explendido café

Escolhida frequencia



—Queres apontar-me esta meia?
—Não faltava mais nada.
—E' por que eu não sei porque la-do metias o pé.

DE UMA PRAIA ELEGANTE

O que Lucia disse á Ernestina numa carta da Trafaria

Minha boa Ernestina:

Prometi escrever-te logo que chegasse e só agora—duas semanas decorridas—dispus dos minutos bastantes para cumprir a minha promessa. E' que tu não calculas como é absorvente a vida de praia.

Sabias que meu pai tencionava ir passar connosco, isto é, com a mamã, a tia Laurontina e eu, um estio agradável em qualquer praia tranquila. Não fomos, como eu calculava, para Ostonde, nem para Biarritz, nem San Sebastian. Viemos para a Trafaria. O papá desdenhou deslocar-se para aquelas praias estrangeiras, alegando—o com muita razão—que elas estavam fóra de moda e não fazia sentido abandonar o país neste momento, em que uma Sociedade de Turismo, por meio de cartazes convincentes, proclama aos quatro cantos do mundo as excelencias daquilo a que eles chamam em francês da côte du soleil.

E' com grande alegria que te dou noticias minhas, hoje, domingo, aproveitando o ensejo que me forneço a chuva torrencial que tem caído nesta côte du soleil.

Tenho muita pena que tu, boa Ernestina, não possas voranear, vir até estas paragens chics, frequentadas por pessoas tão distintas. A Trafaria é uma localidade encantadora. Mas isto tem de se dizer muito em segredo, porque se os habitantes da Costa de Caparica o ouvissem, fariam uma revolução.

Ha por cá criaturas curiosissimas. E eu, em duas semanas, tenho-me dedicado á tarefa fatigante de investigar as suas vidas. Vivem aqui, umas passando o verão, outras permanentemente, familias de boa posição social, a quem o papá não diz que principiou a sua vida a transportar fardos em São Paulo do Brasil. Para eles, o papá é o que deve ser: um abastado brasileiro, respeitavel, a quem todos devem consideração.

Encontram-se na Trafaria medicos, advogados, jornalistas e escriptores, comerciantes e industriais e até pessoas—imaginal—que não tem profissão.

Passa por aqui sempre de fugida, a caminho da Costa de Caparica, onde se exilou mais a familia, o Norberto de Araujo, do *Diario de Lisboa*, aquele que escreve a «pagina de quinta-feira». E' um bicho de mato, sempre carregado de livros, que nem ao menos notou o meu vestido novo ás pintinhas roxas. O Mario Domingues, aquele mulato que rabiscava artigos furibundos pedindo a supressão do papá, como parasita, tambem vivo para aqui, em qualquer buraco, como fera que é. Os jornalistas são quasi todos assim: macambuzios e intrata-

veis. Nem sei como eles, que nada veem, que a ninguem falam, sabem tanta coisa para pôr nos jornais.

Em compensação, temos uma senhora, uma jornalista, D. Ximenez, que sabe da vida de toda a gente, mas não sei onde ela escreve o que sabe... Se não escreve—fala, fala pelos cotovels. Foi ela que me contou a engraçada historia de varios adulterios e me forneceu um providencial depilatorio, tão forte e eficaz, que o cabelo já me não cresce, em forma de bigode, agora pende sob o queixo, como a péra do papá.

Gosto muito da D. Ximenez, chistosa e possuidora de um marido que é... unanimemente considerado por ela o homem mais bonito da Trafaria. Tão bonito e admirado é ele, tão correcta a sua plastica, que se fez actor cinematografico. Agora está na disponibilidade e contenta-se, para matar saudades da profissão, em ir uma vez por outra vêr as fitas no Cinema Trafariense e... não podendo filmar—fita nos intervalos as boldades que á noite, naquella sala de espectaculos, se entreteem a lêr em alta voz as legendas e a martirizar ruidosamente povides e amendoins.

O Cinema Trafariense—uma especie de Tivoli desta margem—tem os barrotos do tecto a aparecer, num décor elegantissimo, e faz abrilhantar as suas sessões com uma autentica e incontestavel meia orquestra dos Condes. E' um ponto de reunião aos domingos, quintas e sabados. Ha umas caras que nunca faltam: o sr. Lapa, que usa uma camisa e uma cara á Blasco Ibañez; o Marceas Ferreira, major (irmão do Marrocas Ferreira, capitão), pai de sete ou oito Marrocas Ferreiras masculinos e femininos que pululam nesta Trafaria, constituindo quasi metade da sua população. Aparecem tambem uns francezes aporluguesados, integrados nos habitos da Trafaria, onde amam e se multiplicam espalhando por toda a parte o seu apelido Favert—da fabrica do dinamite, onde trabalham sob o comando de um marechal francez que não se chama Foch, mas aponas por *monsieur Maréchal*.

Parou agora um pouco a chuva. O dia continua ensombrado de pesadas nuvens. Faz frio. Tenho de interromper a série de revelações porque me chamam umas visinhas para ir apanhar algum fresco sob o toldo de lona branca. Como deves aborrecer-te nessa Lisboa, querida Ernestina!

Guarda para outro dia mais detalhes da Trafaria a tua amiguinha

Trafaria, 7-8-927.

Lucia.

Bric-á-Brac

O palavrão

Co'uma falta de cuidado, Que realmente condeno, Neste sabado passado Trouxe um jornal estampado o palavrão mais obsceno.

Uns creem que o palavrão Foi estampado por acinte, Que a nota da redacção Promete continuação Para a pagina seguinte...

Que escapasse aos revisores, Inda eu posso admiti-lo; Mas não percebo, senhores, P'ra que servom uns censores Que deixam passar aquilo!...

Na retrete

Eu, depois, passei uma busca e fui encontrar alguns escondidos na retrete.

—Esses individuos estavam em attitudo revolucionaria?

Diario de Lisboa—15-9-27.

Ha quem faça tête-à-tête Nos sitios mais solitarios; Mas quem diabo se mete Numa pequena retrete Com ares revolucionarios?!...

O homem nem imagina O disparato que solta; Que leve a gente á sentina, Só conheço uma revolta, Que é a revolta... intestina!...

João Fernandes.



—Sabes? O João Eloy mandou cortar o cabelo ao Alvaro.
—Pois é isso que me admira. E á Odete, que tem o mesmo costume, não o mandou ele cortar.



O sabio:
—Ouve cá, rapazote! Quem foi então que fez os «Luziadas»?

O garoto, atrapalhado:
—Eu cá, eu cá não fui, sr. doutor!

O secretario do sabio, convicto:
—E afinal, quem sabe, caro Mestre, se o garoto não terá razão?



Fracas ambições

O Soisa era um ajudante de guarda-livros, sabendo já bem do seu ofício, trabalhador honesto e dedicado que servia a contento do patrão—o sr. Matias, negociante de porcos e cereais no Alentejo.

Esforçava-se o Soisa por cair nas graças do Matias e mais ainda nas da filha mais nova, rapariga fresca e desempenhada, com dois dedos de educação arranjados num desses collegios de Lisboa, onde as famílias mandam as filhas aprender boas maneiras, a troco de umas centenas de escudos mensais.

O Matias apercebeu-se um belo dia de que o Soisa arrastava a aza á franganota, e tendo-se posto de alca-toia mais a mulher, veio a descobrir que a rapariga se ia deixando cair na rede.

No primeiro impulso, pensou em pôr o Soisa no meio da rua, mas, como não ha filha prendada que valha um bom guarda-livros e verificando que o Soisa lhe fazia mais falta do que o formoso rebento, conformou-se e deixou correr o marfim, que é como quem diz, deixou correr o Soisa... atrás da fortuna de algumas centenas de contos que a filha havia de herdar por sua morte.

Mas o Soisa era um homem de bem ás direitas, um rapaz leal e sincero, que não andava de bem com a sua consciencia enquanto não puzesse tudo em pratos limpos, ali, nas bochechas do futuro sogro. Aquele namoro assumia aos seus proprios olhos o aspecto revoltante e indigno de uma traição. E então, enchendo-se do cora-gem, chegou-se ao Matias, com o ar mais humilde deste mundo, e desaba-fou:

—Sr. Matias, eu tenho obrigação de lhe dizer uma coisa. E' um dever de lealdade e correção. Gosto da sua filha mais nova e, como me parece que ela tambem gosta de mim, se o sr. Matias desse licença...

—Não diga mais, sr. Soisa—retor-quiu-lhe o Matias, com uma palmadi-nha animadora no hombro—eu já sei tudo. Você é bom rapaz, honesto, tra-balhador, sincero e leal, como me convóm para genro. Eu dou-lhe a minha filha, mas é preciso que você a possa sustentar sem dificuldades. Está você disposto a trabalhar para isso?

—Oh! sr. Matias—fez o Soisa.
—Homem, continuou o patrão, não se precipite. Você vai vê se arranja mais algum trabalho por fóra, por-que só com o que eu lhe dou...o pode sustentar a rapariga, e eu depois os ajudarei. Olhe, eu dou á pequena um dotesito que chega para o almoço. Agora arranjo você para o jantar e está tudo feito. Que diz você a isto? Será você capaz de arranjar para o jantar?

—Oh! sr. Matias—diz o Soisa, re-bentando de alegria—eu cá, a bem dizer, em almoçando bem, passo perfeitamente sem jantar...

O "PADRE NOSSO" AO "VIGARIO"

Um homem que tem um nome muito reclamado em Lisboa, a proposito de um filho de um meu amigo que estava junto a mim, amigo que eu conheço como os meus dedos, amigo que nos sus principios teve por base a educação e a illustração de seus filhos, amigo que está ligado a uma familia de grande nomeada nas ciencias, tanto no sul como no norte do país, esse amigo, em novo um tanto boémio, visto que acompanhava quer com literatos e artistas, quer com actores do tempo, esse meu amigo, muito viajado, ouviu da boca desse homem uma novidade de tal ordem, a respeito de seu filho, que o deixou ficar atonito e a mim espantado:

—O teu rapaz—disse-lhe o tal ho-mem—é muito fino, muito delicado, muito inteligente.

Emfim, fez-lhe o seu elogio e com-parou, em contraste, a falta de aprove-itamento das aptidões do pai pre-sente, com a confiança justa de ha muitos anos, do seu conhecimento por fóra, isto é, do palco da vida, desco-nhecendo por completo os bastidores do seu ménage e da comparsaria da familia...

O meu amigo ouviu, ouviu e, natu-ralmente, calou.

Após a despedida do tal homem, eu voltei-me para o meu companheiro e disse-lhe:

—Que grandes encomios fez esse ho-mem de teu filho!

—Valia mais a pena estar calado...

—Porquê?

—Ora porquê? Porque o rapaz é meu filho, porque tomou a educação que lho demos, porque não tinha a quem sair estúpido, emfim porque não me deu novidade nenhuma. Fo-ram, emfim, tudo palavras ócas, por-que esse meu rapaz não é mais do que um reflexo da sequencia do bom ber-ço em que nasceu.

—Se ele gaisse um rufia, um bebedor ou aficionado de divertimentos incom-patíveis com os seus principios, e eu o ignorasse, então, sim, que me dava uma novidade. Mas vir participar-me, naturalmente, quem ele é e o que ele faz, vivendo ele em minha casa, é o ma'or arrojio de ignorancia que eu co-nheço.

... ..
Ora isto trás-me á memoria um caso que se passou no Rio de Janeiro, ha muitos anos, com um empresario muito conhecido, quando do contróle

da sua companhia, que desembarcara minutos antes, e que ele, á porta do Teatro Recreio, fiscalizava a entrada das coristas, discipulas, actrizes e actores.

A' porta do teatro encontravam-se, como sempre nessas occasiões, uma meia dúzia de aspirantes a coíds, que esperavam vêr as caras bonitas que vinham na companhia.

O empresario, como acima disse, es-perava-se á porta e dos tais coíds des-tacou-se um mais atrevido e entabo-lou conversação com o empresario por esta fórmula:

—Ih! Que porção de mulheres bo-nitas que veem desta vez!

—Não são feias—respondeu o em-prezario.

—E aquela, quem é? E' séria?

—Aquela é... é séria e...

—Que penal... Olhe, e aquela?—

dizia o coíd, apontando-a ao empreza-rio.

—Aquela não sei se é séria... Pelo meros não vai a rir...

Passou toda a companhia e cada mulher que passava era um motivo pa-para uma nova inquirição.

Fez-se uma pausa e nisto, ao longe, appareceu uma figura de mulher insi-nuante. Vinha apressada, vendo-se bom que não gostou de ser retardata-ria. O coíd abriu os olhos e disse, ra-diante, a o empresario:

—Oh! Que grande mulher que ahi vem!

—E' ou não é uma grande mulher?

—E', é...—disse-lhe o empresario.

—Mas... espera. Aquela mulher já me deu no gôto em Lisboa, uma vez que fui ao Trindade... Tem eu não tom as pernas gordas e bem feitas?

—Tem, tem.

—E tem uns braços muito reliços...

—Isso é que ela tem.

—E canta... não canta?

—Canta, canta...

—E' ou não um bom pedaço de mu-ther?

—E', sim, senhor.

—Em Lisboa disseram-me que vivia com o ensaiador...

—Vivia, sim, senhor.

—E diga-me: aquilo é mulher para dar trela a um homem?

—Isso é que ela é...

—Sério?—disse o coíd, radiante.

—Sério... Daquela tenho eu a cer-teza que é capaz de dar trela a um homem porque é... a minha mulher!

José Barbosa.

BOM HUMOR

A visita.—Dis lá, Joaninha: tu já ajudas a tua mãe no serviço da casa?
8 anos innocentes.—Sim, minha so-nhora. Como os guardanapos e os ta-lheres quando os convidados se vão embora...

A criada.—O que está fazendo, Car-litos?

O menino.—Sonhei de noite que um cachorro me tinha mordido. Estou a vêr se encontro nas pernas vestígios da dentada...

Ela.—Parlez-vous français?

Ele.—Qué? Que dia?

Ela.—Preguntava-lhe se fala fran-cês.

Ele.—Eu?... Perfeitamente.

Um conselho:
—Tua mãe, João, ficará aborrecida quando souber que jogaste á pancada aqui do lado...

—Mais ficará a mãe dele quando o vir com a cara arranhada...

Na praia, o marido:
—Maria, já estás vestida para o banho?

—Não posso. Entornei a celha da agua e fiquei com o maillot enchar-cado...

A benemerita.—Ha quanto tempo está sem trabalho?

O mendigo.—Desde que morreu mi-nha mãe.

A benemerita.—E quando morreu sua mãe?

O mendigo.—Ao dar-me á luz!

O pintor, trabalhando ao ar livre:
—Em que pensa você tão calado?

O curioso.—No que um homem é ca-paz de fazer para não trabalhar...

—Dizem que o senhor é muito ve-lho...

—Sim, tenho 97 anos. Mas isto não é nada. Se meu pai vivesse, teria cen-to e trinta e um...

Entre artistas:
—Porque não mandaste o quadro á exposição?

—Porque o vendi.

—E quem o comprou?

—Compraram-no para adornar um asilo de cegos...

Humorismo no estrangeiro



O marido.—Ora, abobora! Não no digam que são bons os domingos.
A mulher.—Se tu disseses isso quando não havia descanso dominical, ainda eu te conheceria...



—A Fanny diz que o seu maior prazer no verão é andar a nadar de-ltaio de agua.
—Pois naturalmente. E' para es-conder o fato do banho.



—Disse-me o meu antecessor que o senhor ia com regularidade á igreja.
—E' continuo com a mesma regu-laridade: vou uma vez por ano...



—E' a nova criada. Chegou no comboio das 8 e meia.
—Procura conservá-la.
—Ah! não te preocupes com isso. Até amanhã, ás 7, não sai comboio nenhum.

Questão de notas Fitas faladas Elevador da Glória

Neste momento, a desarmonia musical é um facto. Organizou-se um verdadeiro jazz-band á volta dos pequenos direitos, e ha para ali contra-baixo que se põe ao alto com o decreto... Soprou o cornetim, afinou a rabeca, rufou o tambor, resmungou o rabeção e choveram os protestos de todas as «bandas»...

A nova lei afinou os musicos e desafinou as orquestras de tal maneira que acaba de iniciar-se, em movimento de charleston, a execução duma contradança em que ninguem se entende.

E' claro que cada um puxa para a sua «banda»... Uns tocam-lhe pianinho, com trinado na orquestra e um tom abaixo; outros fortissimo, trémulos de raiva e um tom acima...

A «Filarmonica de Pafo Pirces», que levou dois meses a ensaiar a «Rosa enxota o pinto»... vê-se agora em sérios embarços... musicais para pagar o pinto pelo preço das galinhas, depois de já ter fornecido ao regente a «canja» de dois meses de ordenado. Canja e galinha é um jantar completo e a «Rosa» não só não preenche um programa, como não está na proporção.

Por este processo, a «Espiga» vai começar a dar pão, as «Candeias» a dar luz e o Alves Coelho a dar começo á caça dos direitos. E' o primeiro coelho, que eu saiba, que tem direito a caçar, em vez de ser caçado... E a coisa está séria!!

Conheço um primeiro violino que é já a segunda vez que paga direitos de autor por ter dito que o decreto era uma «espiga»...

Mas não fica por aqui. Sei tambem dum clarinete que leu alto as «Rosas» de todo o ano e, como se tratasse de «Rosas», pagou ao Padilla, ao Barbosa, ao Rodrigues, a portugueses e franceses e a «gregos e troianos»...

Mas direitos são direitos e cada um tem os seus. Os compositores e os cantores proclamam o seu direito aos direitos e querem selar as partes; os musicos refilam, mas tambem estão no seu direito porque o instrumento é deles... E a questão é toda esta: sêlo ou não sêlo.

Eu, por mim, já nem sequer assobio as cançonetas do «Chevalier». Isto á cautela porque pode aparecer por ali algum autor daqueles que escrevem em francês... e, conquanto os direitos sejam pequenos, não deixo por isso de ter grande respeito pela propriedade alheia...

Final, o que se prova mais uma vez, de tudo isto, é que a harmonia na musica é sempre uma questão de notas...

Vasco de Mates Sequeira.

O portuguezinho da gema, essencialmente bota-de-elástico, liberta-se custosamente da rotina. Assim, o cinema tem, entre nós, tantos detractores que até ha quem lhe chame escola de vicio e de crime, sem se lembrar de que, para ser escola, era, pelo menos, necessario que as legendas não tivessem erros de ortografia e de redacção. Mas, como, em geral, aqueles que assim extravasam a bilis e a imbecilidade anti-cinetica, toem a escola toda, o caso é que a cinefilia progride, prometedora, disposta a vêr no claro-escuro animado toda a pujança duma arte nova, síntese das outras artes.

Agora, pode mesmo dizer-se que o cinema é uma coisa grande... e succulenta, sem que um bigodoso papá nos invective, verbal e bengalisticamente, a pretexto da pernicioso influencia de um galã que hysterizou as suas sete filhas.

Que o digam os eleitos que, acedendo a um amavel convite, provaram daquilo a que, sem desfazer nas taças ou no champagne, é costume chamar um copo-de-agua, e que lhes foi oferecido no Odéon.

O novo cinema, com o seu aspecto austero e sóbrio, os seus mapas para milionarios misantropos, a sua silenciosa Imperator, os seus salgados preços, os seus programas rigorosamente medidos a Metro... Goldwin Corporation, reúne todas as condições para ser um moderno templo da Arte do Silencio.

A Imprensa ficou muito bem impressionada com o gentil acolhimento, a minuciosa visita, a esplendida projecção de bons documentarios nacionais, o optimo concerto da orquestra que René Bohet dirige, concerto que valeu bem um par de meias-solas, e o lunch, que, apenas por discreção, puzemos em um ltimio lugar. Parabens!

* * *

Acertadamente, a empresa escolheu A Viuva Alegre para filme inaugural. Todos nós ouvimos a sr.^a D. Auzenda de Oliveira na celeberrima opereta que o muito falecido Franz Lehár escreveu, só para contrariar aquela aria, tão bonita, que começa assim:

Olha a triste, vivinha...

Pois, para o caso, é o mesmo que nada. Erich von Ströheim virou o argumento do avesso, tornou-o mais fotopénico, mais empolgante, sem a minima consideração pelo enredo original. Resultado: conseguiu fazer, além

dum belo filme, uma obra nova, tão nova que o publico se esquece de que John Gilbert é, cronologicamente, successor do Sales Ribello, e discute a virgindade de Sally, das Manhattan Follies.

Por mera questão de lusa pontualidade britânica, vimos A Viuva Alegre ainda em ensaios. O realizador-criador de Esposas Levianas, como bom alemão, militarizou o elenco americano de que dispunha, não perdoadando a minima independencia. Aquilo tudo tresanda a kultur e a generais Von Vulkanos.

Os caprichos de Mãe Murray quebraram-se de encontro á dura Kopf rapada do encenador. A todo o momento se percebe que lhe está a pular o pé para a dança, o seu recurso deliciosamente enfatico, que virou o miolo ao Blasco Ibañez. Mas Erich não deixa. Um stop enérgico, e toca a repetir como ele manda.

Mãe ficou um pouco deslocada do ambiente director, contrariada por um jugo que só a custo — sabe-se — suportava; e, no entanto, é esta uma das suas maximas produções.

Roy d'Arcy fez, ostensivamente, uma imitação do az germanico, mas marcou demais o papel de Mirko e, principalmente, arreganhou demais a dentuça.

Tully Marshall (barão Sadoja) e os outros, conquanto que bem, ressentem-se da verdadeira tirania do director. Apenas John Gilbert pode dar ao Principe Danilo toda fuga barbara que o immortalizou no Tamara.

Quanto a fotografia, scenario, tecnica e recorte, basta admirarem-se todos os primeiros planos... gazosos de Mãe Murray, a scena do dueto, a valsa inconfundivel e o contraste entre os caracteres dos dois principes (scena dos porcos), para se fazer de tudo a mais lisongeira ideia. Sómente deixa muito a desejar a scena colorida do final. Se o censur não teve o bom-gosto de amputar a lastimavel coisa, dava uma corôa para vêr outra vez a corôa que o Gilbert traz no cocoruto, ricamente recheada do tomates, quando vem, mascarado de rei de copas, trazendo pelo braço a Mãe, toda a puxar para dama de oiros, com um rouge capaz de fazer corar um taipal de drogaria e um baralho de cartas.

A adaptação musical de René Bohet, acompanhando o filme sem interrupção, é inolvidavel. Um grande bravo... e um grande abraço.

E agora resta-me jurar, solenemente, que não recebi um centavo pelo reclamo.

Retardador.

D. Manoel II foi um rei que se retirou do ultimo banho, na praia da Ericeira, sem levar cognome. Manoel nasceu e Manoel ficou. Tem roinado, em Londres, em todos os campos do tennis, nas praias mais afamadas da França, onde é conde sem condado, e, por ultimo, em cortas investigações de biblioteca, exactamente como o alfarrabista Bocage. Manoel é um monarca com todas as qualidades e atractivos de bom filho familia: tímido, obediente e pacato. Na hora propria não desobedeceu á mãe: partiu. Com o andar dos tempos, monarquia aqui e ali, no Porto e em Monsanto, em Vigo e em Chaves,—Manoel, cioso dos seus creditos, aconselhava sempre os seus subditos a observarem aquele prudente silencio que immortalizou Conrado. Sempre pela ordem e de todas as ordens... D. Manoel, porém, quiz, no exilio, mostrar aos eus vasallos quanto pode a coragem e a heroicidade dum rei, que os bons republicanos tem pretendido diminuir. Como D. Denis, o Lavrador, lançou-se na cultura dos tuberculos e dos legumes. Foi um prodigio! Os tomates cresceram de tal maneira, no régio al-fôbre, 17 anos depois, que as hostes azues e brancas, succumbidas, acreditaram num milagre—embora tardio.

Como eles teriam servido, em 5 de Outubro, no molho da caldeirada republicana?! Que appetite! Mas compreende-se!... D. Manoel era, então, ainda muito novo. Osaios não o deixavam agricultar á vontade. Tinham receios que ele apanhasse uma fraqueza de peito, qualquer anemia pernicioso. Os tomates tambem não eram genero do primeira necessidade. Nessa altura, por sinal, eram até bem raros. Como havia, pois, a real criação de fortalecê-los, seguindo as tradições de seus augustos avós brigantinos, tão desonrados?

O tomate portuguez, em Londres, marcou. Foi um triunfo para a raça e para as suas aptidões agricolas. Se D. Manoel os expõe com tanto orgulho, não ha que duvidar deles!

Ainda bem! Julgavamos já que o dr. Voronoff teria que intervir, prestando assim um inestimavel serviço á causa — aquela que todos nós sabemos!

Querem lunchar bem e ceiar melhor?

Vão á **ARGENTINA**

Rua 1.º de Dezembro, 75



O papagaio do brasileiro Procopio era um «cabra» que muitas vezes fugia do poleiro e ia passear para as arvores da quinta. Certo dia, estando a tomar o fresco, empoleirado num galho d'arvore, passou por ali um pobre lórpa que nunca tinha visto daquelas aves.

Encantado com o colorido das suas penas, tratou logo de vêr se podia deitar-lhe a mão.

Como o papagaio era fino, não foi facil deixar-se agarrar, mas, já cansado de fugir e aborrecido com a brincadeira, quando o lórpa estava prestes a deitar-lhe a manópula, volta-se para ele e diz-lhe, zangadissimo:

— Está quieto, não me «machuques»!

Ao que o lórpa, estupefacto, respondeu:

— Desculpe V. Ex., julguei que era um passaro!

CANÇÃO NACIONAL

Fado de S. Martinho
(do Porto)

Mote

*O Fado de S. Martinho,
de S. Martinho do Porto,
quando fôr bem cantadinho,
até ressuscita o morto!*

Glosas

Santo Antonio milagroso,
lá no alto, na capela,
dia e noite está de vela
pelo verde mar espumoso.
Santo Antonio, que ditoso
seria se um pianinho
tivesse p'ro petizinho
poder melhor embalar
e se soubesse cantar
a Fado de S. Martinho!

As adunas p'lo sol doiradas
surgem como por encanto
e a bruma, ao longe, é um manto
tecido por mãos de fadas.
Tais surpresas conjugadas
bastam p'ra me dar conforto
e ficar quele e absorto
ante a curva que extasia
da caprichosa baía
de S. Martinho do Porto.

Tem um luar que convida
nas lindas noites de v'rao.
S. Martinho é a tentação
da gente che e escolhida.
É o que quizer desta vida
passar um bom bocadinho,
estude, pois, este fadinho
e verá que dá nas vistas
lá no Salão dos Banhistas,
quando fôr bem cantadinho...

Bastalhe as algas marinhas
para ter uma riqueza
com que a debél natureza
adula as suas campinas.
Entre o mar e entre as boninas,
entre uma réde e um horto,
quem da espinha estiver tórto
vá p'ra lá que come bem,
pois, p'las lagostas que tem,
até ressuscita um morto!...

Reporter B.

SABER VIVER



—A mamã tem muito gosto em
lhe oferecer esta garrafa de vinho.
—Muito obrigado. E quanto me
dará ela pela garrafa vazia?



Oo atentadas nos caminhos do fer-
ro ou a chegada do comboio dos ma-
rtilos.

O Santa Mexilhão

Godofredo Macario, para vir a este mundo, impôs a seguinte condição: nascer no Brasil.

Assim sucedeu e aos quatro anos veio para Lisboa, onde, ao atingir a maioridade, se empregou como guarda-fyros (guardava-os num cofre forte...) duma casa exportadora de carne de cachalote em comprimidos. No seu novo escritório, em seu nome individual, dedicou-se ao negocio de conservas, e talvez devido a lidar muito com peixe e latas, adquiriu uma enormissima lata estanhada, que chegava para uma casa de familia.

A certa altura, a lata enferrujou-se e Macario tornou-se proprietario de uma neurastenia bastante volumosa e de peso assustador.

Amigo do sexo fragil, embora já tenha quebrado algumas mulheres, nunca casou com receio de apanhar sogra que lhe aumentasse a sua doença nervosa. No Bairro Camões, onde reside, é Macario conhecido pelo Dr. Colares Tinto e Rei do Mexilhão, por ser grande admirador deste marisco, que todas as noites rega com três garrafas de Colares que, a bem da verdade, nunca passaram por aquela linda vila.

Ha dias, Macario foi até ao Parque Silva Porto e encontrou lá uma interessante rapariga com um metro e meio de altura e por quem sentia uma paixão bastante fotogenica. Como levava uma maquina fotografica ancient régime, pediu-lhe delicadamente para ficar na chapa, mas ficou desapontadissimo quando ella lhe disse que fosse fotografar outra, pois que só apreciava retratos-peliculas e não de chapados. Desiludido, voltou para o bairro Camões e entrou numa conhecida leitaria, no insensato intuito de se suicidar, afogando-se em... vinho! Quando saiu, armou em D. Juan de trazer por casa, fez inumeras declarações ás moradores do bairro que, boquiabertas, admiravam como ele era prodigioso em equilibrios e, como estava molhadissimo, foi secar-se para a pre-historica paragem donde saiu.

acompanhado dum policia, que lhe fez o devido tratamento na esquadra da area.

A negativa da pequena pô-lo positivamente transtornado. A semana finda, sentindo-se indisposto do estomago, devido ao abuso do mexilhão, foi a uma farmacia dos arredores e pediu um pouco de soda. O farmaceutico, por ignorancia ou talvez por saber com quem estava lidando, retorquiu-lhe que só curava bebedeiras a amoniaco.

Macario, ofendido com a frase, desafiou o seu antagonista que, acompanhado de dois amigos e dum respeitavel cabo de vassoura, saiu para a rua; no intuito de, á força, arranjar um novo cliente para o seu estabelecimento, onde a freguesia não abunda.

Heroicamente, e com o seu sangue á temperatura de quatro graus e um décimo abaixo de zero, Macario tirou-lhe o pau, partiu-o com a sua resistente dentadura, partiu o braço a um dos tais amigos do farmaceutico e acabou por partir a cara a este. E, como não tinha mais nada que partir, partiu em fuga desordenada o, chegando á sua rua, ali mesmo se intitulou campeão de box de todas as categorias.

Em consequencia deste successo, os moradores do bairro Camões, reunidos em assembleia geral extraordinaria no edificio do jornal com sede na zona, destituiram-no do titulo de Dr. Colares para o nomearem Santa Mexilhão, campeão de box no bairro Camões e o unico, pessoal e intransmissivel rival do boxeur Santa Camarão!

Na proxima futura Somana do Bairro Camões, que succederá á nossa Samana dos Cravos, o illustre Macario presidirá ás festas e será homenageado com uma lauta ceia, finda a qual será eleito presidente honorario da Liga das Mulheres sem ligas do Bairro Camões, sociedade onde se inaugurará o seu retrato, emoldurado em cimento armado...

Recix.

REPORTAGEM
de uma feira
(em paradoxo)

Aquela feira franca num recinto tão apertado fez-nos lembrar o velho aforismo do Rossio metido na Betesga; o regedor quizera prohibi-la, mas aquela gente não era para danças... e comtudo os bailes estavam a impar do pares animados, enquanto que, inanimados, jaziam outros a olhar os atractivos das barracas.

Bebia-se muito, mas bebia-se pouco d'agua; os copos que eles não consentiam coroados, eram assim mesmo os reis natos daquela festa. Havia varios numeros alegres, sem piada, mas com piada tipica de feira:—ali, um musico dissidente, que sósinho, com a sua flauta, fizera calar a charanga inteira; mais ali, um velho surdo, a quem a subida do vinho á cabeça fizera subir a uma cadeira, falava com tal alouquencia que ouvia da multidão os mais calorosos apoiados.

Chegou a noite, e com ella a luz (electrica) que ha pouco havia sido inaugurada. Dançava-se, como disse e vou dizer, animadamente.

O sapateiro da terra, o Gouveia, queimava foguetes desalmadamente, enquanto que, em atenção á lei das compensações, o fogueteiro estropeava na dança as suas botas.

Quasi pelo fim, deu-se um principio de desordem que acabou em bom, mal a filarmónica atacou a marcha «Irrequietas».

E foi assim, ou talvez não fôsse bem assim (por mal contado) a feira franca daquela vila, que, com franqueza, pouca franqueza tinha.

Destruição dos cabelos
nos braços

Não ha nada mais repulsivo do que os cabelos nos braços duma mulher, porque elimina imediatamente toda a ideia de requinte e elegancia feminina. A navalha estimula o crescimento do cabelo, da mesma maneira que o podar das bordas dum canteiro estimula o crescimento da

planta.

Os depilatorios em uso comum sómente destroem o cabelo acima da superficie da pele, enquanto que VEET dissolve o cabelo por baixo da pele.

Milhares de senhoras que usam o VEET ficam entusiasmadas com os belos resultados.

VEET

é um creme perfumado e aveludado, e pode-se obter nas principais casas de artigos de toilette ao preço de 10\$00 cada tubo; pelo correio, 11\$00.

Unicos importadores em Portugal

J. W. Chaster Ltd.

Rua da Conceição, 35, 2.º, esq.
LISBOA

VEET



DELICADEZA



—Oh Alforodo, chega-to um bocadinho para cá, que vais a incomodar essa senhora!



Distracção do carvoeiro ao sair ao domingo com o filho.



O novo "Ford" — palacio ambulante

O domingo passado foi o primeiro dia grande da época 27-28 para os aficionados da bola.

Tiveram por petisco nada menos do que Carcavelinhos-Bomfica e Beleães-Sporting.

Os resultado da primeira exibição, preparação e arrecadação deram uma subida do valor na praça do chocolate de Alcantara. Os efeitos revigoradores dum cacau de melhor qualidade devem fazer-se sentir pela época adiante...

Os outros três—muito mais tranquilos do que a receita das bilheteiras.

Referindo-se ao jogo Beleães-Sporting diz *O Seculo* que:

«...mormente na segunda parte, assumiu, por vezes, aspectos duma arrogancia dispensavel.»

Os primeiros desafios da época dão-nos, pois, a primeira descoberta da época:—o *foot-ball* arrogante!

Devem-se-lhe seguir:—o *foot-ball* magestatico, o *foot-ball* imponente, o *foot-ball* gantuso e o *foot-ball* com bigodes á Kaiser...

O sr. almirante Gago Coutinho declarou-se americanofobo.

Chamou burro de sorte ao Lindberg —e se não chamou ao Byrd: burro sem sorte foi por se tratar dum oficial do mesmo officio... marítimo.

Em todo o caso, sempre lhe foi dizendo:

«Antes de bugar de New-York, teve o cuidado de se fotografar e cinematografar empunhando na sua mão o meu sextante.»

Realmente, aquele Byrd sempre foi muito vaidoso...

Já aquella historia de ir ao Polo Norte demonstra a sua antipatica preferencia pelos lugares de destaque... Além disso, é um tipo que sempre

tem gostado de andar nas alturas...

Mas esta de se servir do sextante para tirar o retrato—é uma patifaria que passa todas as marcas.

Console-se o sr. almirante com o que já succedeu ao Pedro Nunes.

Pois se o nonio serviu para criar a fama do francês Vernier — porque

não ha de o sextante servir para o Byrd fazer uma foto?

O proximo *Salon* de Paris está sendo a preocupação de todos os apaixonados do desporto automobilista.

Como ainda todos ignoram as características do novo *Ford*, que está sendo preparado com o maior segredo resolvemos dar algumas informações precisas sobre o assunto:

O novo *Ford* será espaçoso, podendo conter oito pessoas no banco da frente—e uma familia completa poderá instalar-se á vontade e confortavelmente no interior.

O radiador está especialmente estudado para ferver agua para todos os usos. E um filtro especial permite obter benzolinas em á durante a marcha.

Quanto ao consumo, é recommendado não ultrapassar cinco *cocktails* aos 100 kilometros porque, além desse numero, a direcção torna-se perigosa.

Tendo nós, na nossa ultima pagina, dado a relação dos filmes que a Federação Portuguesa de Foot-ball tenciona editar para educação tecnica dos futuros internacionais olimpicos—recebemos uma carta do nosso querido camarada Belo Redondo, da qual extraímos o final:

«... Apesar de toda a minha boa vontade, torna-se-me porém impossivel filmar como protagonista de *Charlot quer ser jogador*, por ter rapado aquele meu bigode que era o encanto das multidões.

«Deve notar-se que o ti. em obediencia a ordens emanadas do meu *captain de hockey* e, consequentemente, segundo bons principios de disciplina desportiva. Nós, no *Brasão*, somos todos, assim!

(a) *Belo Redondo*.

Rebola-A-Bola.

Capitulo XXII

Pikles, comovidissimo com as desditas que Miss Cheviot referira, manteve-se longo tempo em silencio, do qual foi despertado pela voz harmoniosa da Miss, avisando-o de que o gazolina os aguardava para o passeio no lago.

Pikles, mal disposto, mas não querendo contrariar a sua gentil companheira, encaminhou-se para o barco que fretara por vinte libras e *meia de seda*.

A embarcação levava, além do mecanico e dum marinheiro, um pescador de dentes, eximio na pesca da truta. Em menos de um minuto, o barco desliza pelas *aguas ardentes* do lago, com a velocidade de *treze nós bem apitados*. Os chorões das margens dobravam-se para a frente, chorando a indiferença a que a Natureza os votara. Alguns besugos, assustados, fugiam rapidamente, deixando á superficie *bellinias e impingens*.

De longe em longe, divisava-se por entre o arvoredo um outro *chaleit das canas*, mas todos conservando as portas e janelas *atractivamente* fechadas. Era a época em que as familias abastadas retiravam para as praias, *terras e Campos Mostruos*.

(Continúa)



Pereira da Rosa, autentico az do volante, apesar de calçar "Chevrolet", só viaja em "Cadillac."

o o que significavam aqueles sinais luminosos. Como era a primeira vez que Lim-Pó-Pó e sua esposa viam um avião, não podiam falar, tal era a comoção que lhes embargava a voz de operario. *Pirolit*, porém, acalmou-os, mostrando-lhes os seus belos dentes *d'alho* num sorriso todo bondade, todo frescura, todo generosidade, todo delicadeza, todo gracilidade, todo encantamento, todo... todo... sempre fixe.

Capitulo XXI

A fórmula acolhedora como *Pirolit* se dirigiu a Lim-Pó-Pó socogou a esposa deste que, todavia, ainda duvidava que aquilo tudo não fosse um sonho *duma noite de verão*. Jamais a sua indiosincrasia concebera a possibilidade de os homens poderem voar, tal como um milhafre, uma aguia ou um condór de barriga, embora tivesse visto carapaus voadores e *baleotes do rego*.

Pirolit, que se exprimia em linguagem esperanto, perguntou ao velho domador de serpentes o motivo dos sinais luminosos que vira e se ali era alguma base de aeronautica em pleno Oceano o em que latitude ficava a ilha. Lim-Pó-Pó referiu entou ao aviador que fôra casualmente que se servira da pistola para

afugentar um suposto monstro. Quanto á latitude em que se encontravam, alguém melhor do que ele poderia responder com precisão. Lim-Pó-Pó declinava modestamente em Jorge, que, além do electricista e mecanico, era tambem geografo. Esta comunicação agradeceu sobremaneira ao aviador, porquanto o motor avariado necessitava umas reparações nas *velas de Erbon* e nos fios condutores e *guarda-freios* da electricidade. As avarias tambem tinham atingido a helico nas pás e nas *vassouras*, bem como o *trem de cosinhu*.

Lim-Pó-Pó ofereceu os seus serviços a *Pirolit* e, como nascia a manhã, os três encaminharam-se para a cabana onde morava Jorge e a dactilografa, tendo antes o aviador, com o auxilio do domador, empurrado o avião para debaixo dum arvoredo, á falta dum *hangar* ou de um *stand* o *moleiro sentado ao borralho*.

Foi *cherry cordial* a entrevista entre o aviador e Jorge, que por nada dera, por ter um sono muito *bem pesado*, prontificando-se o electricista immediatamente a auxiliar *Pirolit*.

Mademoiselle Plissé, atraída pelas vozes, appareceu á porta da palhota, radiante de beleza, de mocidade, de *graça*, de *calçada cambra*. Aquella subita aparição impressionou *Pirolit*, *meom chery cordial*.

JORGE, O ELECTRICISTA

OU

O plantador d'eucaliptos na Jamaica

(Romance d'aventuras anfibias)

Original de M. A. Caco Velho

Capitulo XX

Julgando tratar-se de algum anfibio categorizado, Lim-Pó-Pó, com o fim de o afugentar, acendeu uma pistola de cinco tiros, que se elevaram no espaço, descrevendo um *circulo victioso*, chegando depois fogo a um foguete de três estalos sem cheiro. Mal sabia ele, na sua inocencia, que prestava um patriótico serviço á America, porquanto o ruido que se ouvia outro não era sonão o do motor dum aeroplano do aviador norte-americano *Pirolit*, que andava perdido e que, vendo o fogo da pistola e julgando tratar-se de sinais luminosos, aterrrou immediatamente junto de Lim-Pó-Pó.

O aviador, que falava bem o esperanto, dirigiu-se ao domador de serpentes, perguntando-lhe onde estava

Na praia



—O' menina, não se agarre tanto porque a minha mulher está a vêr...

No Circo



—Desde que ha estas danças modernas, já ninguém se importa com o meu urso.

CONSELHOS



O DOENTE—Ontem consultei o farmaceutico aqui da esquina e ele aconselhou-me...

O MEDICO—Algum disparate, não?

O DOENTE—Exactamente; aconselhou-me a que o chamasse.



—Este, meu filho, era o gigante Adamastor, que se queria opôr a que Vasco da Gama fosse á India.

—E fazem-lhe uma estatua por isso?

—Pudera; é que ele bem nos preveniu que se descobrissemos o caminho vinham depols os «canecos».